

FORMAÇÃO DE DIRETORES DAS ESCOLAS PÚBLICAS BRASILEIRAS: DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL ENGAJADO NA CONSTRUÇÃO DA QUALIDADE IGUALITÁRIA NA EDUCAÇÃO

Cynthia Paes de Carvalho

(PUC-Rio, Brasil)

cynthiapaesdecarvalho@puc-rio.br

Ana Cristina Prado de Oliveira

(UNIRIO, Brasil)

ana.oliveira@unirio.br

A presente comunicação apresenta um estudo exploratório sobre dados dos questionários respondidos na Prova Brasil 2015 pelos diretores das escolas públicas de ensino fundamental no Brasil. Com base nessas informações, nos dados do Censo do Ensino Superior (2015) e na literatura da área, buscamos articular questões para a pesquisa no campo e apresentar uma perspectiva de ampliação do debate sobre a formação de gestores escolares.

Os dados da Prova Brasil informam que mais de 80% dos diretores são formados em pedagogia ou outras licenciaturas e mais de 70% concluíram um curso de especialização. Mais de 80% exercem a função há mais de 10 anos e pelo menos 85% atuaram como professores por mais de 6 anos. A maioria realizou o curso superior em instituições privadas (59,5% em 2015). De acordo com os dados do Censo do Ensino Superior 2015, embora apenas 44,6% das instituições de ensino superior no país são privadas, elas concentram 75,7% das matrículas e 79,1% dos concluintes. Na área de educação a rede privada reúne 84,6% das formações (pedagogia e licenciaturas) e 66,8% dos concluintes. Pode-se afirmar assim que a formação em nível superior de professores e diretores no Brasil encontra-se em larga medida sob responsabilidade de instituições privadas, entre as quais a ampla maioria (89%) são faculdades isoladas¹.

A literatura brasileira sobre a formação de gestores escolares e administração escolar oferece uma longa história de debates e políticas. Barbosa e Abdian (2013), Abdian et al (2016), Teixeira e Malini (2012) oferecem um panorama da produção da área, cujos referenciais informam diferentes políticas e

¹ Faculdades são a primeira etapa de constituição de um centro de ensino superior, seguidas de centros universitários e universidades, estas últimas sujeitas a uma regulamentação e controle de qualidade bem mais exigente. (<http://portal.mec.gov.br/par/127-perguntas-frequentes-911936531/educacao-superior-399764090/116-qual-e-a-diferenca-entre-faculdades-centros-universitarios-e-universidades> - acesso em 15/01/2018). Cabe ressaltar que frequentemente as condições de oferta dos cursos e mesmo os resultados dos alunos na avaliação do MEC (ENADE) não inferiores àqueles dos centros universitários e das universidades, em especial no caso das faculdades privadas com fins lucrativos (65,5% das instituições de ensino superior privadas).

pesquisas para discutir os desafios que se apresentam tanto para a investigação acadêmica como para a formação desses profissionais. Tal questão se revestiu de crescente interesse político na medida em que extensa literatura internacional (BRUGGENCATE ET AL., 2012; SAMMONS, 2008; LEITHWOOD, 2009; JACKSON E MARRIOT, 2012) e nacional (SOARES, 2004 e 2007; ALVES E FRANCO, 2008; OLIVEIRA E PAES DE CARVALHO, 2015; SOARES E TEIXEIRA, 2006) consolidou a relevância do trabalho do gestor escolar para a melhoria da qualidade e da equidade da educação.

Em que pese o reconhecimento do papel estratégico do diretor escolar, a questão de sua formação prece ainda insuficientemente tematizada pela pesquisa educacional e pelas políticas que focalizam a formação docente, sobre a qual se constitui – como já assinalamos - a formação da imensa maioria dos gestores das escolas públicas brasileiras. Tal situação torna-se ainda mais delicada se consideramos a ampla hegemonia – também já observada – da rede privada de ensino superior e nela de faculdades isoladas como lócus de formação desses profissionais. Nesse panorama a discussão do currículo da formação reveste-se de ainda maior relevância, particularmente se considerarmos que os espaços acadêmicos onde se desenvolvem a maioria das pesquisas e debates da área são as universidades, que, entretanto, não formam a maioria dos futuros professores e diretores.

Observa-se que a partir da extinção em 2006 das habilitações específicas de viés tecnicista (administração supervisão e orientação) instituídas nas décadas de 1960/70, a nova legislação propõe uma formação generalista em torno do eixo da docência (incluindo questões como multiculturalismo, gênero, etc.), sem aprofundar o papel dos futuros gestores e o sentido de sua formação. Como afirmam Barbosa e Abdian (2013), a imprecisão da definição do gestor escolar se vincula em larga medida ao precário consenso sobre seu papel e a formação que este demandaria: formar para gerir/administrar, para liderar/transformar, para intervir pedagogicamente no processo de escolarização, para coordenar o processo de participação democrática na gestão da escola? Frente a esses questionamentos, pode-se discernir pelo menos dois caminhos que poderiam se complementar e entrelaçar, porém, não raro se antagonizam: formação para administrar a escola enquanto organização e serviço público à população promovendo a participação de todos os agentes no processo ou formação para a intervenção pedagógica e desenvolvimento profissional dos agentes responsáveis pela escolarização com vistas aos resultados escolares? Como integrar tais demandas para uma gestão consistente de um espaço que garanta a aprendizagem de todos os alunos e sua formação para uma cidadania efetiva?

Martins e Silva (2011) observam uma considerável dispersão teórica da pesquisa na área, que passa de um paradigma ancorado na Teoria Geral da Administração “aplicada” à educação ao horizonte normativo da gestão democrática (e a pesquisa apenas assinala se ela se realiza ou não) com uso quase exclusivo de estudos de caso em contraposição à pressão “gerencialista” das políticas educacionais das últimas décadas, particularmente em termos de avaliação e responsabilização, que propõem uma “gestão eficaz” que garanta resultados nas avaliações externas (SOUZA, 2017; ABDIAN ET AL, 2016). Nesse contexto tanto as pesquisas sobre a formação dos gestores, como o debate político sobre o conteúdo dessa formação tem sido pouco sustentável e carecido de proposições mais claras e, principalmente, de mais amplo, profundo e crítico debate.

Referências bibliográficas

- ABDIAN, G.Z., NASCIMENTO, P. H. C. & SILVA, N. D. B. (2016). Desafios teórico-metodológicos para as pias em administração/gestão educacional/escolar, *Educação & Sociedade*, 37 (135), 465-480.
- ALVES, M. T. G. e FRANCO, C. A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.) *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- BRASIL. MEC/INEP. *Prova Brasil 2015 - microdados*. <http://www.inep.gov.br>.
- BRASIL. MEC/INEP. *Sinopse do ENADE 2014*. <http://www.inep.gov.br>.
- BRUGGENCATE, G. *et al.* (2012) Modeling the Influence of School Leaders on Student Achievement: How Can School Leaders Make a Difference? *Educational Administration Quarterly*, v. 48, n. 4, p. 699-732, out. 2012.
- JACKSON, K. e MARRIOT, C. The Interaction of Principal and Teacher Instructional Influence as a Measure of Leadership as an Organizational Quality. *Educational Administration Quarterly*, v. 48, n.2, p. 230-268, abr. 2012.
- LEITHWOOD, K. *¿Cómo liderar nuestras escuelas? Aportes desde la investigación*. Santiago: Salesianos Impresores, 2009.
- MARTINS, A. M. ; SILVA, V. G. Estado da Arte: gestão, autonomia da escola e órgãos colegiados (2000/2008). *Cadernos de Pesquisa* (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 41, p. 228-245, 2011.
- OLIVEIRA, A. C. P. ; PAES DE CARVALHO, C.(2015) . Gestão Escolar, Liderança do Diretor e Resultados Educacionais no Brasil. In: 37a. Reunião Anual da ANPED, 2015, Florianópolis. Anais da 37a. Reunião Anual da ANPED, 2015.
- SAMMONS, P. As características-chave das escolas eficazes. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco. (Orgs.) *Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- SOARES, J. F. O Efeito da escola no Desempenho Cognitivo de seus Alunos. *REICE – Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio en Educación*, jul./dez. 2004, vol. 2, no. 002, pp. 83-104.
- SOARES, J. F. Melhoria do desempenho cognitivo dos alunos do ensino fundamental. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 130, jan./abr. 2007, pp. 135-160.
- SOARES, T. M. & TEIXEIRA, L. H. G. Efeito do perfil do diretor na gestão escolar sobre a proficiência do aluno. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 17, n. 34, maio/ago, 2006.
- SOUZA, A. (2016). As teorias da gestão escolar e sua influência nas escolas públicas brasileiras. *ReLePe*, V. 2, p. 1-19, 2017.
- TEIXEIRA, B.B. e MALINI, E. (2012) Formação de Diretores: Exigência à Melhoria da Gestão Escolar. III CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2012, Zaragoza, Espanha. *Cadernos ANPAE*. Timbaúba, PE: ANPAE - Espaço Livre, 2012. v. 15. p. 1-14.